

**A CONSTRUÇÃO DA COERÊNCIA EM TEXTOS LITERÁRIOS: BREVES  
CONSIDERAÇÕES SOBRE AS RELAÇÕES DE IMPLICITUDE E EXPLICITUDE  
NO CONTO “A FUGA” DE LYGIA FAGUNDES TELLES**

**COHERENCE CONSTRUCTION IN LITERARY TEXTS: A BRIEF  
CONSIDERATION ABOUT IMPLICITNESS AND EXPLICITNESS MOVEMENTS  
ON THE TALE “THE SCAPE” BY LYGIA FAGUNDES TELLES**

Ismael Ferreira-Rosa  
Mestre em Linguística e Linguística Aplicada  
Universidade Federal de Uberlândia  
([ismfero@gmail.com](mailto:ismfero@gmail.com))

Diana Pereira Coelho de Mesquita  
Mestre em Estudos Linguísticos  
Universidade Federal de Uberlândia  
([dianamesquita@msn.com](mailto:dianamesquita@msn.com))

**RESUMO:** O trabalho ora proposto objetiva tecer uma discussão acerca de como a coerência se constrói em um texto literário. Para tanto, estabelecemos como corpus para análise o conto “A Fuga”, de Lygia Fagundes Telles. O texto literário, em nossa concepção, mais que uma unidade linguística, sistêmica, unilateral, hermética, é constituído por um engendramento de fatores de ordem linguística, cognitiva, sociocultural, imbricados em um processo comunicativo-interacional. Destarte, entendemos, com Koch (2009), que o sentido não está no texto, mas se constrói a partir dele, no curso de uma interação, em um movimento de explicitude e implicitude. É por meio de inferências possibilitadas pelas marcas textuais deixadas ao longo da superfície linguística de um texto, como também inferências baseadas no conhecimento de mundo, nas circunstâncias comunicativas, na concatenação coesiva, nos aspectos linguísticos, que os interlocutores conseguem edificar uma rede de relações semântico-pragmáticas, possibilitando-lhes atribuir uma unidade de sentido ao que se lê.

**Palavras-chave:** Coerência; Explicitude; Implicitude; Sentido

**ABSTRACT:** This paper aims to discuss how coherence is built in a literary text. For that, we established as analyzing corpus the tale “*The escape*” by Lygia Fagundes Telles. The literary text, in our point of view, more than a linguistic unit, systemic, unilateral, hermetic, is constituted by an engendering of factors from linguistic, cognitive, sociocultural order, imbricated in a communicative-interactive process. Thus, we understand, according to Koch (2009), that the meaning is not in the text, but is built from there, in the course of an interaction, in a movement of explicitness and implicitness. It is through inferences enabled by textual marks found along the linguistic surface of a text, as well as inferences based on world knowledge, on communication circumstances, on cohesive link, on linguistic aspects, that interlocutors are able to build a network of semantic-pragmatic relations, assigning a meaning unity to what is read.

**Keywords:** Coherence; Explicitness; Implicitness; Meaning

## Palavras iniciais

Estabelecer uma contiguidade leitora com textos escritos não deve ser entendido por meio de uma percepção que demarca uma passividade e uma inércia compreensiva frente à materialidade linguística. Isso porque “a compreensão [...] não se constitui em uma simples construção passiva de uma representação do objeto verbal, mas parte de um processo interacional, no qual o ouvinte ativamente interpreta as ações do locutor” (VAN DIJK, 2000, p. 19). Portanto, mais que decodificar, compreender é interpretar. É analisar manifestações verbais e sua composição ordenada de elementos linguísticos que foram selecionados e estruturados intencionalmente por um enunciador, de forma a estabelecer uma interação entre ele (o enunciador), a manifestação verbal e o interlocutor.

E essas manifestações verbais, entendidas em nossa concepção como texto, mais do que uma mera unidade linguística, sistêmica e unilateral, que se situa em um nível superior à frase, composta por um engendramento de frases e períodos instaurador de uma unidade de sentido, não configuram uma simetria linguística, construída de forma harmônica enquanto um produto hermético e já acabado. Antes, o texto é constituído no momento em que os “parceiros de uma atividade comunicativa global, diante de uma manifestação linguística, pela atuação conjunta de uma complexa rede de fatores de ordem situacional, cognitiva, sociocultural e interacional, são capazes de construir, para ela, determinado sentido” (KOCH, 2009, p. 30); daí se asseverar que a passividade e a inércia não condizem com a prática leitora de textos escritos, pois estes se instituem no intercâmbio entre sua produção e sua recepção.

Destarte, o texto é uma atividade verbal, uma construção instaurada mediante elementos linguísticos que são ordenados e selecionados, conforme aponta Koch (2009), por coenunciadores, durante uma realização languageira, de modo a permitir-lhes uma interação no imo de práticas socioculturais. E, enquanto atividade, produz sentido. Sentido que “**não está no texto, mas se constrói a partir dele**, no curso de uma interação” (KOCK, 2009, p. 30).

O texto, no mirante da autora citada, compara-se a um “iceberg”, pois possui apenas uma pequena superfície exposta e uma imensa área imersa

subjazida a essa superfície. É em um movimento de explicitude e implicitude, estabelecendo interações, que sentidos são construídos.

E, para alcançar as profundezas do implícito e dele extrair um sentido, vários sistemas de conhecimento, processos e estratégias cognitivas e interacionais são acionados, de modo a instaurar um processamento textual, tanto pelo produtor quanto pelo receptor do texto. Dentre esses processos e estratégias, conforme Van Dijk (1977, 2000), estão a organização da informação, dispendo dados e elementos novos (dá-se uma informação que loca no espaço cognitivo do interlocutor e a essa informação dados novos são acrescidos mediante predicções que ampliam ou reformulam os conhecimentos estocados a respeito daquela informação primeira); a formulação da informação (uso de coordenações, subordinações, explicações, justificativas, atenuações, ressalvas, avaliações, comentários metaformativos, alusões, questões retóricas, paráfrases, repetições, etc.); a referenciação da informação (construção de uma estrutura de referentes principais ou temáticos formando cadeias coesivas mais ou menos longas, que fazem remissões e retomadas desses referentes ao longo do texto); distribuição e encadeamento da informação; batimento entre explícitos e implícitos (relação entre informações expressas no textos e conhecimentos prévios, informações pressupostas como partilhados de uma comunidade, dados que podem ser inferidos), para citar alguns.

É por meio dessa interatividade, tanto de caráter linguístico quanto de caráter sociocognitivo, que sentidos se constroem. E “uma vez construído **um** – e não **o** – sentido, adequado ao contexto, às imagens recíprocas dos parceiros da comunicação ao tipo de atividade em curso, a manifestação verbal será considerada coerente pelos interactantes” (KOCH, 2009, p. 30). Coerente porque instaurou uma unidade de sentido, e, instaurado esse sentido, a manifestação verbal se torna um texto, constituído enquanto tal na interação, no intercâmbio languageiro, na permuta sociocognitiva e linguística entre interlocutores.

Sendo assim, é justamente no íterim teórico desses pressupostos conceptuais supra-apresentados, advindos dos estudos da Linguística Textual, que se inscreve o trabalho que ora propomos.

Na presente proposta, consideramos que um texto não é uma unidade fechada e homogênea, mas uma manifestação construída na interação entre produtor-receptor, em cuja organização e superfície linguística elementos subjazem

e constituem sentidos. Sob esta perspectiva, objetivamos realizar uma análise do conto de Lygia Fagundes Telles, “A fuga”, publicado no livro “A estrutura da bolha de sabão”, em 1978, com o intuito de examinar a construção da coerência nos meandros estético-literários do referido conto.

Tal proposta decorreu da interpelação por que passamos pela forma singular e peculiar de tessitura textual dos elementos e informações narratárias que compuseram o conto. É nosso intento analisar como esses elementos e informações são apresentados e como, na interação entre texto-leitor, os sentidos vão sendo delineados de forma a levar o receptor a considerar o conto coerente, mesmo que suas pressuposições e inferências, construídas ao longo da leitura pelas pistas textuais, sejam refutadas e impugnadas por um desfecho inesperado e excêntrico.

Para tanto, primeiramente abordaremos concisamente o que é coerência textual, para, em seguida, apresentar, de forma sinóptica, Lygia Fagundes Telles e sua obra “A estrutura da bolha de sabão”; e então partir para a análise do conto “A fuga”, escrutinando as relações de explicitude e implicitude que levam o leitor a construir inferências, pelas vias de elementos da superfície textual e por elementos do conhecimento prévio ou conhecimento de mundo desse mesmo leitor.

### **Coerência textual: construção e continuidade de sentidos**

Definir coerência pelas vias de uma acepção una, enquanto um conjunto de enunciados concisos que amalgamam a essência conceptual de tal conceito, certamente é uma empreitada complexa e até um tanto quanto audaciosa. Isso porque a coerência não é apenas entendida e construída no engendramento fonomorfossintático da formação linguística de um texto, mas está intrinsecamente vinculada à questão da eficaz formação do texto. Destarte, a coerência não concerne à noção de gramaticalidade no nível frasal, de boa ou má construção de enunciados (“correta” regência verbal, concordância nominal, etc.). Ela é, antes, uma eficácia que remete à instauração de uma interlocução comunicativa, a possibilidade dos interlocutores atribuírem sentidos ao texto, estabelecendo uma interação.

Desse modo, é por meio da coerência que manifestações verbais fazem sentido para os interactantes, podendo esta ser compreendida, então, como um princípio de inteligibilidade em uma dada situação de comunicação, que permite ao

receptor construir sentidos para o texto. Daí se ressaltar a dificuldade em definir objetivamente o que é coerência, haja vista que esta constitui um processo, uma atividade que é, concomitantemente, semântica e pragmática. E enquanto processo/atividade, alude a elementos que não somente estão na superfície linguística do texto, como também a elementos que subjazem a esta superfície, constituindo no espaço cognitivo dos interlocutores uma configuração instauradora de sentidos.

Portanto, a coerência é construída pelos participantes de uma interação comunicativa, em uma dada situação, mediante a atuação conjunta de vários fatores, tanto de ordem cognitiva, quanto de ordem situacional, sociocultural e interacional. É uma construção que instaura uma interpretabilidade do texto, cuja construção se adapta a uma situação de comunicação, porta uma intenção comunicativa, revela objetivos, possui um destinatário, circunscreve a regras socioculturais, usa de recursos linguísticos e estilísticos de forma concatenada e encadeada.

Além desses elementos que possibilitam a construção de uma unidade de sentido, aquela interpretabilidade está diretamente relacionada a um princípio de continuidade. Segundo Beaugrande; Dressler (1981), coerência, então, tem por fundamento a continuidade de sentidos, em que conceitos e relações devem estar encadeados com o conhecimento de mundo dos receptores<sup>1</sup>, não possibilitando lacunas de entendimento ou descontinuidade entre as partes. É preciso que a disposição verbal de conceitos e suas relações construam um mundo textual que pode coincidir ou não com o “mundo real”. Este mundo textual contém mais do que o sentido expresso na superfície do texto, pois é construído pelo conhecimento partilhado entre interlocutores, conhecimento este que é derivado das expectativas e experiências, considerando a organização dos fatos e das situações no interior do próprio texto (BEAUGRANDE; DRESSLER, 1981, p. 85).

Por isso, os elementos subjacentes à superfície textual, que instauram na cognição dos interlocutores uma unidade de sentido, possibilitando a essa unidade a criação de um mundo textual em face do conhecimento de mundo armazenado na

---

<sup>1</sup> De acordo com os autores, “a ‘senseless’ or ‘non-sensical’ text is one in which text receivers can discover no such continuity, usually because there is a serious mismatch between the configuration of concepts and relations expressed and the receivers’ prior knowledge of the world” (BEAUGRANDE; DRESSLER, 1981, p. 84)

memória dos interactantes, é o que leva à compreensão, à atribuição de sentidos ao texto.

Consequentemente, “a coerência não está no texto, mas deve ser construída a partir dele, levando em consideração os recursos coesivos presentes na superfície textual, que funcionam como pistas ou chaves para orientar o interlocutor na construção do sentido” (KOCH, 2009, p. 53). É por meio do conhecimento de mundo, do conhecimento socioculturalmente partilhado pelos participantes de uma situação comunicativa, de práticas sociais postas em ação no curso da interação, aliados àquelas pistas linguísticas da superfície textual, que interlocutores constroem sentidos.

Ora, é justamente no movimento de elementos presentes explicitamente no texto e “proposições que não são diretamente expressas, mas que podem ser inferidas por outras proposições que foram expressas”<sup>2</sup> (VAN DIJK, 1977, p. 109), que sentidos são atribuídos por um receptor, num processo de inferência. Esta “pode ser alcançada para além da estrutura dos fatos a que se refere. Essas inferências são baseadas não no conhecimento que temos dos significados convencionais da língua, mas no nosso conhecimento de mundo”<sup>3</sup> (VAN DIJK, 1977, p. 111-112).

Enkvist (1990, p. 17), do mesmo mirante, assevera que

Mensagens não são somente interpretadas nos termos do que elas propriamente contêm. Metamensagens são um tipo de informação que o receptor deduz ou infere da própria mensagem; parte da atividade de interpretar um discurso consiste na adição de informações não explícitas e nas informações presentes na superfície textual<sup>4</sup>.

De tal modo, um texto está diretamente relacionado a um processo de interpretação, de atribuição de sentidos por um receptor, o que nos leva a acordar com Enkvist (1990), quando este aponta que “um texto é interpretável quando

<sup>2</sup> Nossa tradução para “propositions which are not directly expressed, but which may be inferred from other propositions which have been expressed” (VAN DIJK, 1977, p. 109).

<sup>3</sup> Nossa tradução para “may be drawn about the further structure of the facts referred to. These inferences are based not on our knowledge of the conventional meanings of the language, but on our knowledge of the world” (VAN DIJK, 1977, p. 111-112).

<sup>4</sup> Nossa tradução para “Messages are not only interpreted in terms of what they overtly contain. Metamessages are one type of information that the receptor deduces or infers from the message proper; part of the business of discourse interpretation consists of adding information not explicitly and overtly present on the textual surface” (ENKVIST, 1990, p. 17) .

sujeitos podem, sob dadas circunstâncias, construir em torno deste um mundo textual em cujos domínios aquele texto torna-se plausível”<sup>5</sup>.

Por conseguinte, coerência é um conceito que parte de uma percepção hermenêutica (ENKVIST, 1990, p. 26), pois é uma relação extratextual construída a partir de uma superfície linguística, ordenada e organizada, cujo engendramento fornece pistas de interpretação para o interlocutor, possibilitando-lhe criar um mundo textual, mediante seu conhecimento de mundo, a situação comunicativa e a interação languageira, as regras socioculturais da posição em que se insere, numa relação entre explícitos e implícitos. A coerência possibilita ao interlocutor construir uma continuidade de sentidos que torna o texto inteligível e interpretável, no íterim desse mundo textual criado.

É precisamente por meio dessa construção da relação de coerência entre as pistas textuais e elementos subjacentes a essas pistas que buscaremos analisar o texto literário de Lygia Fagundes Telles. Intentamos desvelar a construção de inferências e pressuposições em torno do mundo textual criado e a excentricidade e singularidade de um desfecho que, nos meandros e intrincamentos dos rastros textuais, contradizem as pistas deixadas aos leitores, revelando uma forma de construção textual inerente ao próprio universo estético-literário, marcado por surpresas e imprevistos e a incompletude característica do referido universo, cujas aberturas precisam ser preenchidas por percepções interpretativas.

## O universo literário de Lygia Fagundes Telles

Lygia Fagundes Telles, considerada a grande dama da literatura brasileira (ABREU, 1996<sup>6</sup> e PIRES, 1998<sup>7</sup>) que ainda publica e mantém sua dinâmica criadora

<sup>5</sup> De acordo com autor “a text is interpretable to all those who can, under prevailing circumstances, build around that text a text world in which that text seems plausible. Such a definition suggest that interpretability is, to begin, a threshold concept” (ENKVIST, 1990, p. 21).

<sup>6</sup> “E continua a ser, como a eleger há anos Hélio Pólvora, a imbatível **Primeira Dama da Literatura Brasileira**, embora ela mesma não se importe com tais epítetos. Importa-se, sim, com o texto e a capacidade deste ajudar a desvendar mais camadas do enigma atávico da condição humana” (Matéria escrita por Caio Fernando Abreu no jornal **Zero Hora** do dia 06/01/1996. Grifo nosso).

<sup>7</sup> “Lygia Fagundes Telles ri gostosamente quando lembrada das muitas referências a ela, aqui e no exterior, como **grande dama da literatura brasileira**. Traga lentamente um fino cigarro Cartier, olha a sala de seu amplo apartamento nos Jardins, repleta de quadros e objetos em que a literatura é referência principal e, naturalmente, mostra que o clichê colado a seu nome é a mais doce realidade” (Matéria escrita por Paulo Roberto Pires no jornal **O Globo** do dia 04/01/1998. Grifo nosso).

capaz de traduzir verbo-esteticamente os enigmas da condição humana, é, sem dúvida, uma das maiores ficcionistas da contemporaneidade.

Nascida em 19 de abril de 1923 no bairro de Santa Cecília, em São Paulo, Telles iniciou sua carreira literária muito jovem. Começou a criar seus próprios contos quando ainda tinha apenas sete anos, nas últimas páginas de seus cadernos escolares, para, posteriormente, contá-los nas rodas domésticas de sua família. Segundo ela, “desde criança, comecei a plantar sementes nesse domínio [dissecar a condição humana] e nunca mais me largou a vontade de possuir uma visão sobre o ser humano” (TELLES, 2005).

“Porão e Sobrado” é o primeiro livro de contos publicado pela autora, em 1938, com a edição paga por seu pai, assinado apenas como Lygia Fagundes e classificado por ela mesma como “contos ginásiais”. Em 1944 lança “Praia Viva”, sua segunda coletânea de contos. A partir daí, Telles incursa no mundo literário, e, em 1952, começa a escrever seu primeiro romance, “Ciranda de Pedra”, trabalho que alcançou o posto de um dos clássicos da literatura brasileira.

Com uma vasta obra, entre contos e romances, que prima pela abordagem refratária, em que se entrelaçam as fronteiras da sanidade/loucura, morte/vida, realidade/ficção, solidão/amor, Lygia tem conquistado uma admirável crítica não só no Brasil como também no exterior, onde seus livros vêm sendo publicados com grande sucesso, levando-a a obtenção de vários dos mais importantes prêmios literários do país. A autora também tem conquistado um grande público, fazendo com que muitas de suas obras alcançassem várias edições.

Os contos que compõem o livro “A estrutura da bolha de sabão” são parte dessa vasta produção literária. Publicada em 1978, essa reunião de contos desembrulha enigmas da condição humana, sobretudo, aqueles vinculados à rejeição e à formação da identidade do ser, obviamente relacionados a outras questões como morte, loucura, condição feminina, para citar algumas, e encarados de formas diferentes pelas personagens dos oito contos que constam no livro.

A autora aborda, mormente, o universo feminino e suas diversas facetas: o acúmen e os desejos e carências inerentes à mulher, sobrepondo a condição feminina e sua busca pela emancipação. Contudo, não se trata de uma obra exclusivamente protagonizada por personagens mulheres. A figura do homem também aparece panoramicamente, marcando, de modo precípua, o aspecto da



fragilidade e das carências masculinas, como é o caso do conto “A fuga” que tem por tela principal Rafael, um jovem inseguro, que ainda mora com os pais, dependendo economicamente e psicologicamente deles; conto este que passaremos a analisar, buscando escrutinar a coerência que instaura no mundo textual criado pelo engendramento estético de tal texto.

### **Coerência e sentido no conto “A fuga”**

Apresentado por uma voz narratária de terceira pessoa, o conto em questão gira em torno de Rafael, um jovem de vinte anos que morava com os pais e vivia de mesada. A personagem era estudante de direito na faculdade e era uma pessoa muito mimada e protegida pelos genitores, tendo em vista que tinha uma saúde muito frágil, como se observa no excerto abaixo:

Se ao menos me deixassem trabalhar. Um homem da minha idade e vivendo de mesadas. Fechou as mãos enfurecidas. Ridículo. Estava farto de ouvir os argumentos do velho, “Sua saúde é frágil, filho. E você é extravagante demais. Trabalhando e estudando como você estuda, quando é que você vai poder descansar, quando?” (p. 68).

No entanto, a doença não é revelada, sendo seu nome substituído por uma marca de supressão: “Ela [Bruna] estava farta de saber que ele não era um asmático, era mesmo um...” (p. 69). Rafael era apaixonado por Bruna, a mulher romana mais madura, considerada por ele próprio como sua amante, com quem levava uma vida boêmia e vivia os prazeres libidinosos, recitando-lhe trechos do livro bíblico “Cantares de Salomão”, para enaltecer a beleza e a sensualidade de tal amante.

Tendo por fulcro essa figura masculina, o conto é encetado com a fuga de Rafael de “alguma coisa medonha” que acontecera em sua casa. Sufocado e prisioneiro de uma nebulosa, ele precipita para fora, em direção ao parque, esquivando dessa “coisa”, uma remissão que não tem um referente definido:

Rafael abriu o portão e correu para a rua. Sentia-se sufocado, prisioneiro de uma nebulosa espessa que o arrebatara e agora o levava para longe daquela coisa medonha que ficara lá atrás. Entregou-se num desfalecimento à viscosidade nevoenta e rolou ladeira abaixo. Não podia saber o que era, não se lembrava, mas tinha certeza de que era algo monstruoso, monstruoso demais, NÃO QUERO SABER! JÁ ESQUECI!... (p. 65).

Mas com o decorrer do texto, algumas pistas textuais vão sendo delineadas, de forma a conduzir o leitor à pressuposição sobre a qual referente se remete “coisa”, como também a construir inferências sobre o que seja aquela nebulosa. Nos parágrafos seguintes ao início da narrativa, é-nos apresentado, tanto pela voz narratária quanto pelo fluxo de pensamento do personagem mediante o recurso linguístico do discurso indireto livre, a condição e estado físico em que se encontra tal personagem: mãos geladas, face gelada, olhos esbugalhados, lágrimas nos olhos, respiração arquejada, sudorese, estado este que aos poucos vai se atenuando.

A partir dessas pistas, podemos inferir que Rafael estava passando mal e, portanto, essa nebulosa poderia ser a náuseas das condições febris por que passou, decorrente de um estado de enfermidade que sofreu. Isso, porque, explícitos na superfície textual, são mostrados:

Queria andar, isso sim, ir andando sem destino, um convalescente debaixo do sol. Tão bom convalescer, voltar aos poucos ao dia-a-dia, verificar que tudo continuava igual, as ruas. As casas. O sol. O jornal diria que coisas terríveis estavam acontecendo lá fora e aqui dentro. Mas agora não queria ler nenhum jornal. Hoje não (p. 66).

“Não quero que me veja assim, ainda não, vai se preocupar, devo estar horrível!” Passou a mão pelo queixo. Ainda bem que fizera a barba, mas sentia sob os dedos a face afundada, ela podia se assustar. Passou as pontas dos dedos nos lábios feridos pela febre. Como poderia beijá-la com a boca desse jeito? Era tão impressionável, ia querer chamar o médico, horror! Voltar à engrenagem, laboratórios, exames. Outra vez? (p. 67).

Destarte, por meio do nosso conhecimento de mundo acerca das consequências de uma doença, coligimos que possivelmente o personagem estava fugindo de casa por já não mais suportar o repouso da convalescença (nossa experiência, a construção prévia de um entendimento, sinaliza-nos que se convalescem somente pessoas que passaram por um longo ou grave período de enfermidade, demandando, assim, um período relativamente extenso de repouso); e, pela fraqueza e debilitação de sua saúde, passou por uma vertigem, haja vista que já era uma pessoa muito doente e frágil.

Então, muito provavelmente, a nebulosa seriam as náuseas do estado físico de tontura, inferência induzida pela voz narratária que nos relata: “Arrumou a

gravata torcida. Com os dedos abertos, alisou os cabelos emaranhados. Não era o Afonso que vinha vindo? Afonso, sim. Esgueirou-se rápido para detrás da árvore. ‘Se me encontra nesse estado, vai pensar que bebi’. Abaixou-se e fingiu que limpava a barra da calça” (p. 66); e, a “coisa”, poderia ser um longo período de doença.

E, no decorrer do texto, mais pistas parecem nos guiar para a corroboração dessas inferências:

Vagou pelo parque o olhar comovido. Sentiu-se observado pelas árvores, a folhagem atenta inclinando-se à sua passagem, elas estão me vendo como eu as vejo. Nos entendemos tão bem. Fez um movimento para colher uma folha e não completou o gesto. Enfiou as mãos nos bolsos. Como se a árvore tivesse perguntado, respondeu que não, hoje ainda não estava muito brilhante. **Fracó. Dolorido.** Seria bom esquecer tudo que fosse desagradável: a **doença**, a marcação dos velhos, as argolas impossíveis... (p. 68. Grifo nosso).

quando então passa mal novamente:

A nebulosa. “Outra vez?”, gemeu Rafael estendendo os braços na tentativa de rasgá-la. Sentiu-a compacta, viscosa como o suor que agora corria de sua testa. Cobriu o rosto com as mãos. começou a tremer. E o pensamento detestável veio vindo, informe como a própria névoa, mas monstruoso, medonho, podia até apalpá-lo como apalpava a própria cara, “Mas o que é isto!? Meu Deus. o que é isto?” Escancarou a boca porque o ar também era espesso, impregnado de um cheiro nauseante que o umedecia inteiro como um líquido horrendo, pingando de algum lugar, pingando. Afrouxou a gravata, não quero lembrar, não quero! Saiu cambaleante, tentou reencontrar o parque através do muro gasoso, onde o céu, onde? (p. 69).

Vergou o corpo para a frente numa convulsão. Tinha agora um estilete descendo lento pela sua garganta num movimento de parafuso, já podia sentir a ponta feroz tocando-lhe as vísceras, um pouco mais fundo, mais fundo, mais. Tapou a boca para não gritar. Lágrimas correram-lhe na face. “Meu Deus, meu Deus!” “Já está passando”, disse entreabrindo os olhos. Procurou o lenço, não encontrou. Relaxou os músculos. “Está passando...” (p. 70).

Rafael alisou os cabelos. Passou furtivo as mãos na cara e olhou de novo as mulheres, teriam notado? Não, provavelmente não e se notaram foram discretas, afinal, era apenas um desconhecido que se sentira mal, talvez estivesse vomitando. E daí? Pôs se a andar, afastando-se constrangido das crianças que agora corriam na sua direção [...] Sentia-se atordoado mas consciente. A vertigem passara o se o deixara exausto, dera-lhe em troca uma misteriosa calma (p. 70).

Em meio a esses estados de vertigem, o personagem reflete sobre sua fragilidade, sua dependência dos pais, seu amor por Bruna, sua faculdade de direito, sua não condição de comprar sequer uma jóia, algumas argolas de ouro, para presentear sua amada, além do “pontinho monstruoso, memória escondida nele — ou fora dele? ‘Que foi que aconteceu, meu Deus?! O que foi?’” (p. 71). Pontinho monstruoso, coisa, ponto negro são as designações para aquilo que aconteceu em sua casa e o fez fugir de lá.

Rafael mesmo não sabe, e nem a voz narratária apresenta, mas pistas textuais nos levam a inferir, diante do mundo textual construído, que seja uma fuga da doença, de sua vida dependente, dos excessivos cuidados dos pais, e assim por diante. Leitores mais conhecedores de Lygia poderiam até antecipar que, nesse conto, apresenta-se um balanço da condição humana no que concerne à fragilidade e à dependência do homem, que, assim como a mulher, também é alguém que sofre, é fraco, necessita de cuidados, e que, às vezes, precisa lutar pela independência. Ora, tanto uma mulher quanto um homem são seres humanos e, como seres humanos são marcados por carências, ausências que, num processo simétrico, não se sobrepõem um ao outro.

Nos últimos parágrafos do conto, quando Rafael está voltando para casa, a remissão “coisa” é repetida três vezes: “Por que se aproximava mais uma vez daquilo?! Se a COISA estava lá, à sua espera?” (p. 71); “E prosseguiu subindo, ladeira acima, deixando-se levar com a miserável passividade de uma coisa que o vento carrega. Caiu de joelhos, arquejante, a COISA acontecera próximo à sua casa. Estremeceu. A COISA acontecera na sua própria casa!” (p. 72). E o leitor começa a encontrar novas pistas textuais no antepenúltimo e no penúltimo parágrafo: muita gente no portão, o pai prostrado na poltrona lívido e cabisbaixo, um caixão no meio da sala. Logo o receptor, ativando seus conhecimentos de mundo, infere a morte da mãe, acompanhado pelo fluxo de pensamento de Rafael: “ah, tinha que saber, foi com minha mãe? Foi com ela?... ‘Mãe!’, gritou aproximando-se do grupo compacto de homens. Afastando-os com brutalidade, deu com um caixão. Na sua frente estava agora um caixão negro, de novo quis recuar, cobriu a cara. ‘Não. não!’” (p. 72)

Mas, em seguida, a mãe entra na sala e “inesperadamente, como se o puxassem pelos cabelos, ele (Rafael) debruçou-se sobre o caixão e se encontrou lá

dentro”, desconstruindo todas as inferências do leitor, instauradas pelas próprias marcas textuais evidenciadas na trama textual.

Todavia, o texto consegue estabelecer a interação entre os eventos narrados e o evento principal – no caso, a morte de Rafael – além, de instituir a relação entre esses eventos e o desfecho. O que revela a capacidade de Lygia de transitar pelos recursos textuais na construção da narrativa, sem pecar pelo rompimento da coerência em qualquer ponto da trama. Por outro lado, o leitor, seguindo as trilhas deixadas pela autora, vai construindo a coerência do texto, a partir de inferências mescladas por conhecimentos de mundo, de leitura e de texto literário.

Diante disso, podemos dizer que o texto analisado reúne condições necessárias para que a coerência seja estabelecida, desde que o leitor recorra a este conhecimento de mundo que lhe é constitutivo e que seja dotado de um conhecimento prévio acerca da leitura de um texto literário em prosa. Desta feita, para o entendimento do texto, o leitor<sup>8</sup> carece ter competência para estabelecer relações intertextuais nem sempre explícitas e para buscar esquemas cognitivos que lhe tragam à memória outros textos, outras vivências, outros saberes com os quais ele manteve contato em outros momentos, pois é essa memória de leitura e de mundo que vão lhe servir de baliza para que ele construa sentidos ao novo texto que se propõe a ler.

Se não há a evidência de um conhecimento prévio para o leitor, o texto se tornará, para ele, incoerente, pois o sentido de um texto é construído aos poucos, pela interação entre autor/leitor/conhecimentos prévios e também se tece sob a trama de outros textos.

Quanto aos elementos linguísticos, no texto “A Fuga”, estes se integram, estruturam-se, combinam-se, desenvolvem-se; quanto ao conteúdo, este dialoga com outros elementos presentes na exterioridade textual; e, quanto ao conhecimento de mundo, a escolha da temática remete à angústia da morte, sentimento que aflige a todos indistintamente, porquanto, conhecido de todo ser humano; estes três fatores, em interface, vão possibilitar a coerência e a compreensão do texto.

---

<sup>8</sup> Não enquanto um ser uno em todas espacialidades e tempos, mas um ser pensante, crítico, singular que reflete e refrata processos cognitivos em um meio social, histórico e cultural, portanto, constrói sentidos para materialidades textuais a partir de seu conhecimento de mundo e vivências.

Outro fato a ser destacado é que, numa primeira leitura do título, o leitor pode ser incitado a pensar questões como: uma fuga de quê/de quem? Entendemos que, apenas a partir do sentido literal da palavra “fuga” não é possível elaborar a significação que estaria contida no texto. Uma fuga sempre remete a escapar de alguma coisa, esconder-se de alguma coisa. Mas o que seria esta “COISA” de que Rafael quer escapar? Esta é uma questão que acompanha o leitor até o início do desfecho do texto.

Ele vai, durante a leitura, processando as informações, construindo os sentidos que advêm desta leitura, por meio de implicaturas, inferências, e se depara, no transitar pelo texto, com elementos que vão lhe mostrando o caminho. Os artifícios usados pela autora objetivam tornar o texto ainda mais tenso, instigante, pois não se sabe do que Rafael quer fugir? Da amante? Da família? Da doença? Da morte seria algo que o leitor provavelmente não pensaria dada a estrutura textual, entretanto, é o que se revela ao final.

Não obstante esse excêntrico e inesperado desfecho, o conto construiu um mundo textual, instaurou uma relação de coerência entre os conceitos e sua articulação, ao longo da superfície linguística. Foi possível ao leitor instituir uma continuidade de sentidos, apesar de desviar de direção no fecho da narrativa, possibilitando-lhe estabelecer uma percepção interpretativa: a dependência, a fragilidade, a fraqueza frente à vida e aos outros é a própria morte que consome; mesmo estando de pé, pensando, refletindo, mas não lutando ou agindo, é como estar estirado em um caixão, prestes a ser enterrado. A vida é independência, é liberdade, é atividade, é vigor, é força e, sobretudo, é uma (in)constante luta.

### **Palavras finais**

Tivemos como objetivo analisar, ainda que de forma breve, a construção da coerência nos meandros estético-literários do conto “A fuga”, narrativa integrante da obra “A estrutura da bolha de sabão”. Observando que um texto nunca é um produto já acabado e que a coerência construída para além da superfície linguística, relaciona-se a elementos sociocognitivos e interacionais, mostramos como o processo textual de atribuição de sentidos pode ocorrer no movimento da explicitude e implicitude.

Por meio de inferências e pressuposições construídas por marcas textuais deixadas ao longo da superfície linguística de uma manifestação verbal, baseados no conhecimento de mundo, nas circunstâncias comunicativas, na concatenação coesiva, no engendramento linguístico, receptores conseguem, no texto e pelo texto, construir uma rede de relações semântico-pragmáticas, que lhes possibilita atribuir uma unidade de sentido, e assim, considerar o texto enquanto tal. É pelas vias do princípio da continuidade e da interpretabilidade, mediante um processo de interação comunicativa, que um mundo textual, criado a partir do enlace linguístico de conceitos e suas relações, instaura possibilidade de sentidos, e, portanto, a suscetibilidade de ser coerente.

Foi considerando essa atividade dinâmica e interativa que intentamos desvelar como emergem na superfície do texto elementos que encaminham os interlocutores à construção de uma unidade de sentido, mas que, às vezes, por apresentar dados linguísticos em diferentes graus de (in)completude, como o caso do conto analisado os termos “coisa” e “nebulosa”, o leitor é levado a preencher as aberturas e construir uma rede referencial para os conceitos por meio de inferências e pressuposições, que podem ser corroboradas ou refutadas ao desfecho do engendramento linguístico.

E como já anunciava a epígrafe deste trabalho, a beleza estética da tessitura textual do conto literário “A fuga” residiu na incerteza (uma inferência não é uma certeza, mas uma possibilidade!), na incompletude referencial que foi necessária ser completada pelo receptor, levando-o a surpresas de um desenlace excêntrico. Com efeito, é na imensa parte submersa à superfície textual da narrativa, é na implicitude constituindo a explicitude, que sentidos são atribuídos. É para além dessa superfície que a coerência se constrói, levando em conta o interlocutor, o sentido e o mundo.

Ressaltamos, no entanto, que este é o “nosso olhar” sobre a construção da coerência neste texto literário em prosa e não “o olhar”. Nesse sentido, outros olhares provavelmente seguirão rumos diferentes e apresentarão discussões também distintas. Todos com o intuito de desvendar as tramas da coerência textual, construindo sentidos, concatenando entendimentos e instaurando interpretações.

## Referências

ABREU, C. F. A primeira dama da Literatura. **Zero Hora**, Porto Alegre, 06/01/1996. Disponível em <[http://portalliteral.terra.com.br/ligia\\_fagundes\\_telles/bio\\_biblio/sobre\\_ela/teses.shtml?biobiblio](http://portalliteral.terra.com.br/ligia_fagundes_telles/bio_biblio/sobre_ela/teses.shtml?biobiblio)>. Acesso em: 06 jul. 2007.

BEAUGRANDE, R. A.; DRESSLER, W. U. **Introduction to Text Linguistics**. London: Longman, 1981.

ENKVIST, N. E. Seven problems in the study of coherence and interpretability. In: CONNOR, U.; JOHNS, A. M. (eds.). **Coherence in Writing: Research and Pedagogical Perspectives**. Alexandria: TESOL, 1990. p. 9-28.

KOCK, I. V. **O texto e a construção dos sentidos**. 9 ed. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

PIRES, P. R. A dama definitiva. **O Globo**, São Paulo, 04/01/1998. Disponível em <[http://portalliteral.terra.com.br/ligia\\_fagundes\\_telles/bio\\_biblio/sobre\\_ela/artigos/imprensa\\_artigos\\_dama\\_definitiva.shtml?biobiblio](http://portalliteral.terra.com.br/ligia_fagundes_telles/bio_biblio/sobre_ela/artigos/imprensa_artigos_dama_definitiva.shtml?biobiblio)>. Acesso em: 06 jun. 2007.

TELLES, L. F. **Mistérios**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

\_\_\_\_\_. **A estrutura da bolha de sabão**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

TELLES, L.F. Os superficiais não deixam marcas da sua andadura. **Diário de Notícias**, Lisboa, 13/10/2005. Entrevista. Disponível em <[http://www.presenca.pt/imprensa\\_detalhe.asp?id=262](http://www.presenca.pt/imprensa_detalhe.asp?id=262)>. Acesso em: 06 jul.2007.

VAN DIJK, T. A. **Text and Context: explorations in the semantics and pragmatics of discourse**. London: Longman, 1977.

\_\_\_\_\_. **Cognição, discurso e interação**. 3 ed. São Paulo: Editora Contexto, 2000.